

# I. Apresentação

■ ANA CRISTINA ARAÚJO

## I.1. Enquadramento

Toledo constitui, porventura, o sítio de tipo *concheiro* mais emblemático do Holocénico Inicial português. Esta apreciação baseia-se não só na quantidade e na diversidade dos vestígios materiais aí documentados como no leque de interpretações que propicia sobre o funcionamento interno das comunidades humanas do Pós-Glacial. Ele reúne, por outro lado, as mais diversas características e atributos observados em contextos similares contemporâneos localizados em toda a faixa litoral do centro e sul do país.

O sítio localiza-se no litoral da Estremadura<sup>1</sup>, a cerca de 4 km em linha recta da costa actual, apresentando a região características de interface entre processos continentais, litorais e marinhos (ver Capítulo 2). A faixa costeira, em particular na área de estudo onde se insere a jazida, corresponde a uma plataforma rochosa com falésias de média altitude bem marcadas, intercaladas por praias alongadas mas estreitas que se formam normalmente na desembocadura de cursos de água (Fig. I.1).

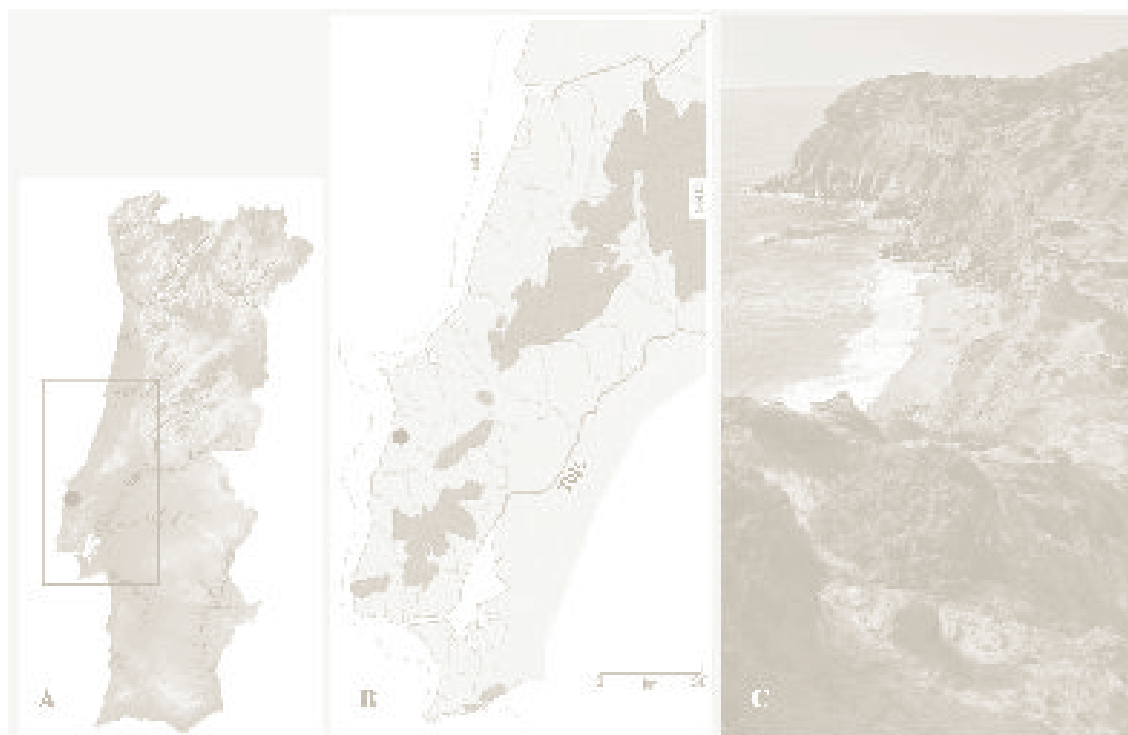


FIG. I.1 – Localização da jazida. A. À escala do território; B. À escala da Estremadura; C. Imagem da faixa litoral na região em estudo.

A paisagem costeira foi naturalmente condicionada ao longo dos tempos pelos ritmos de subida ou descida relativos do nível do mar, tal como as estratégias humanas de ocupação do espaço, em particular durante o período de transição do Plistocénico para o Holocénico.

O espectro cronoestratigráfico da área em estudo é claramente dominado por rochas detríticas do Jurássico, mas com a presença pontual de bancadas de calcários muito compactos referenciadas na zona do Vimeiro (Fig. 1.2), encontrando-se a sedimentação cenozóica representada por alguns afloramentos superficiais atribuídos na respectiva Carta Geológica ao Plio-Plistocénico (Manuppella & *alii*, 1999). No troço vestibular do rio Alcabrichel encontram-se documentadas cascalheiras de terraço em ambas as margens. Prospecções realizadas nestes depósitos com o intuito de detectar eventuais fontes secundárias de matérias-primas siliciosas revelaram-se, contudo, infrutíferas.

Aluviões, areias de duna e areias de praia completam o quadro lito-estrutural da área onde se implanta a jazida.

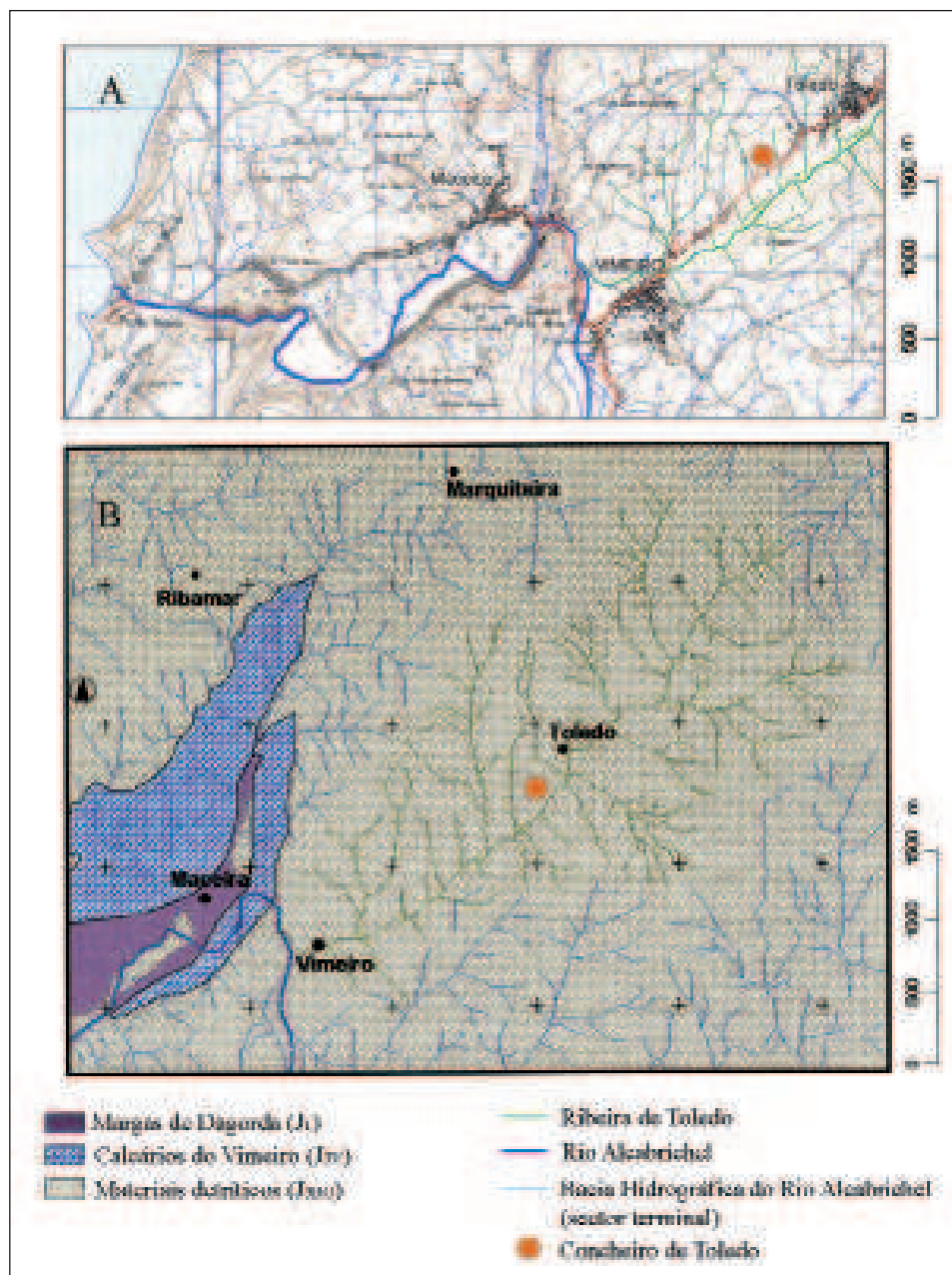


FIG. 1.2 - A. Localização de Toledo na folha 361 da Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000 (A-dos-Cunhados, Torres Vedras); B. Caracterização lito-estrutural da área em estudo baseada na folha 30-A da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50 000 e readaptada a partir de Trindade, 2001.

O concheiro encontra-se situado do lado esquerdo da estrada que liga as povoações de Vimeiro e de Toledo, estando os depósitos arqueológicos à vista no respectivo talude (Fig. 1.3). A ribeira de Toledo, apenas activa durante invernos muito chuvosos, corre 200 m a sul do local, desaguando a pouco mais de 1 km no Alcabrichel, já no seu sector terminal (Capítulo 2). Os vestígios arqueológicos encontram-se disseminados por três propriedades distintas mas contíguas (A, B e C), à superfície ou no interior do depósito coluvionar, constituindo os moluscos a sua face mais visível e característica, considerando o espectro de comportamentos que aí tiveram lugar.

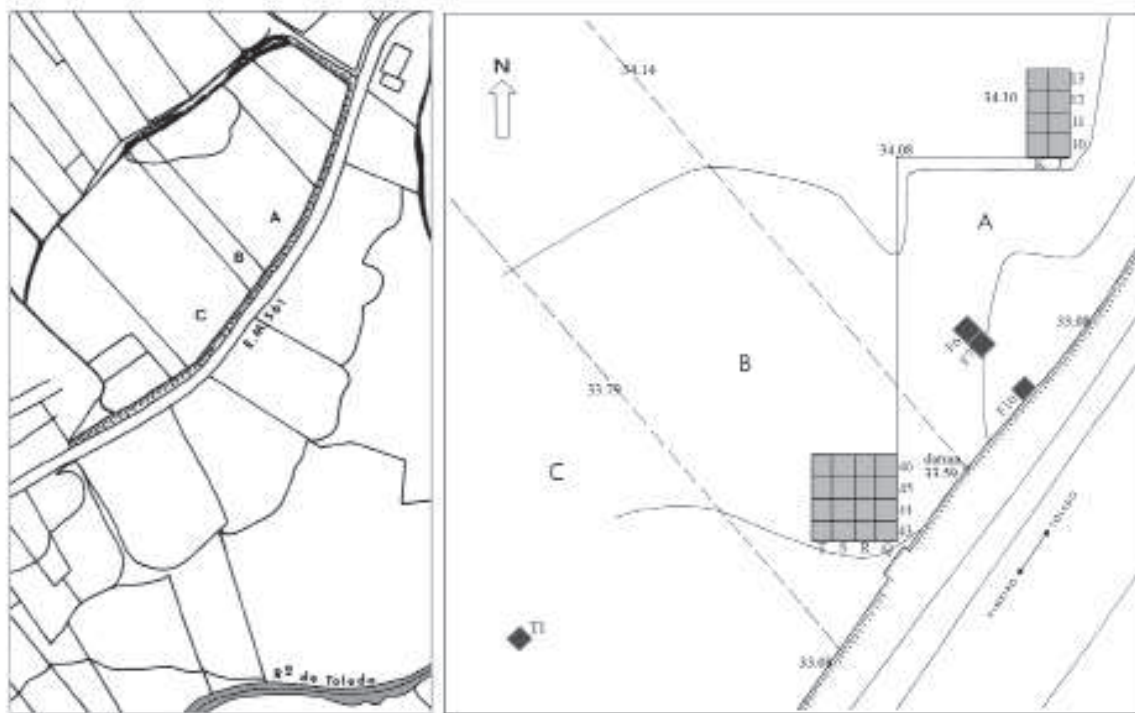


FIG. 1.3 - Localização, sobre carta topográfica, das áreas de escavação e sondagens realizadas sob a direcção de David Lubell em 1986 (a negro), e sob direcção de Ana Cristina Araújo em 1995, 1997 e 1998 (a cinzento).

## 1.2. Trabalhos arqueológicos

A mais antiga referência escrita ao sítio arqueológico data de 1961, quando é publicada a primeira Carta Geológica correspondente à folha da Lourinhã (França & alii, 1961). No entanto, quer elementos do Grupo de Espeleologia e de Arqueologia da Lourinhã (GEAL), quer do Museu Municipal de Torres Vedras (actual Museu Municipal Leonel Trindade), procederam esporadicamente à recolha de materiais que se encontravam à superfície em toda a área assinalada pelas letras A, B e C (Fig. 1.3), e mesmo no Talude da Estrada. Estes materiais viriam a integrar o acervo de ambas as instituições, não existindo porém referências precisas sobre a respectiva data de recolha nem do seu posicionamento no interior das áreas prospectadas.

Só em 1986, contudo, são realizadas sondagens pontuais sob a responsabilidade de uma equipa de arqueólogos dirigida por David Lubell, da Universidade de Alberta, Canadá (Fig. 1.3), ao abrigo de um projecto de investigação subordinado ao tema *O Mesolítico no Centro e Sul de Portugal*, dirigido por José Morais Arnaud. Estes trabalhos revestiram-se, à época, de um carácter de emergência, dado o facto de o sítio se encontrar ameaçado pelas actividades agrícolas.

O sítio foi designado então por Pandeiro (Zilhão & Lubell, 1987: *Concheiro de Pandeiro*), nome pelo qual era localmente conhecido o terreno onde foram abertas as sondagens F6, F7 e F10 (Fig. 1.3) Foram então abertas quatro sondagens de 1 m<sup>2</sup> cada, três implantadas na propriedade A (F6, F7 e F10) e uma na propriedade C (T1). Os trabalhos realizados nesta última sondagem mostraram que o contexto arqueológico se encontrava já totalmente destruído pelas lavras. Nas restantes três, contudo, foi possível documentar um depósito de concheiro *in situ* sensivelmente a 1 m de profundidade, e com cerca de 50cm de espessura média, mostrando todavia sinais claros de perturbação pós-deposicional. Para além da enorme massa de conchas de moluscos bivalves, claramente dominada pelo berbigão (*Cerastoderma edule*), foram ainda recolhidos alguns restos faunísticos (de mamíferos, aves e peixes) e líticos, maioritariamente associados ao depósito de concheiro (“camada 2 (c)”), mas também fragmentos de cerâmica moderna e pré-histórica (Zilhão & Lubell, 1987a, 1987b). As características e formas de distribuição espacial e vertical dos vestígios então recuperados permitiram, aos responsáveis, não só proceder a uma primeira avaliação das respectivas condições de jazida, como esboçar um possível quadro cronocultural do contexto arqueológico (Zilhão & Lubell, 1987a, 1987b; Araújo, 1998). A presença de um depósito de concheiro compacto — um tipo de vestígio tradicionalmente associado a contextos de cronologia mesolítica — e a posterior datação de uma amostra constituída por um conjunto de ossos vieram confirmar as primeiras impressões obtidas no decurso destas sondagens. No Capítulo 3 será apresentada uma avaliação crítica destes resultados radiométricos.

Em 1995, já sob a minha direcção, foram retomados os trabalhos arqueológicos na jazida. A situação era agora bem mais grave, passados quase dez anos sobre as primeiras sondagens, encontrando-se os terrenos totalmente revolvidos pelas actividades agrícolas e muitos vestígios dispersos à superfície pelas três propriedades. No Talude da Estrada a situação era em tudo semelhante, tendo sofrido sucessivos desabamentos causados pelas águas pluviais. Assim, entre 1995 e 1998 foram abertas duas áreas de intervenção distintas: a primeira, na Propriedade A, com 8 m<sup>2</sup> (unidades J-K / 10-13); a segunda, na Propriedade B, com 16 m<sup>2</sup> (unidades Q-T / 43-46). Em relação ao Talude da Estrada, a intervenção teve como principal objectivo recuperar o que restava ainda de uma possível estrutura de combustão, na qual eram visíveis fragmentos de fauna rubefacta, calhaus e inúmeras conchas de moluscos bivalves já muito fragmentadas. O talude foi recuado em cerca de meio metro, no sentido da área de escavação aberta na Propriedade B, e sensivelmente ao longo de 2,5 m de extensão.

O estudo do sítio de Toledo foi realizado no âmbito de um projecto de investigação subordinado ao tema *Adaptações Humanas do Pós-Glacial no Litoral da Estremadura*, sob a minha responsabilidade científica, e aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia no quadro do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA/1998 - Acções Plurianuais de Investigação Programada). Este projecto incluía, ainda, intervenções de campo nos sítios de Vale de Frade (Lourinhã) e de Pinhal da Fonte (Torres Vedras). O financiamento dos trabalhos de campo em Toledo contou com o apoio da Câmara Municipal da Lourinhã e do Instituto Português da Juventude (Programa Infante Dom Henrique).

Em 1998, foi publicada uma primeira avaliação crítica do contexto arqueológico (Araújo, 1998), seguindo-se algumas referências pontuais ao sítio realizadas no âmbito de artigos de síntese sobre o Mesolítico Inicial português (Araújo, 2003a, 2003b, 2009).

### 1.3. Metodologias

---

A área de dispersão dos vestígios à superfície era relativamente grande, estima-se entre os 800 e os 1000 m<sup>2</sup>, constituindo as actividades agrícolas as principais responsáveis pelo

revolvimento e deslocação de materiais oriundos dos níveis arqueológicos para a superfície. Infelizmente, e por circunstâncias várias, não foi possível estabelecer com rigor os limites do espaço ou dos espaços efectivamente ocupados pelas comunidades mesolíticas. Para além dos problemas de natureza logística, financeira e em alguns casos até legal (na Propriedade B encontrava-se projectada desde há muito a construção de uma vivenda), o grau de afectação dos depósitos arqueológicos não tornavam absolutamente relevante a realização de novas intervenções no local, pelo menos de modo a obter um acréscimo de informação em termos qualitativos. Só o estudo conjugado das diversas componentes artefactuais, bem como a análise crítica e rigorosa às respectivas condições de jazida, pode suscitar questões cuja resolução passará, eventualmente, pela realização de novas escavações no local.

As metodologias de escavação, de recuperação da informação e de tratamento dos dados foram naturalmente determinadas pelo tipo de contexto e pelo seu historial mais recente. As sondagens de 1986 foram a este propósito fundamentais. Daí a opção de se intervir apenas nas Propriedades A e B e, nesta última, na zona menos afectada, à partida, pela maquinaria agrícola (por se encontrar mais próxima do talude da estrada). Tais sondagens disponibilizaram uma primeira radiografia do posicionamento relativo do contexto arqueológico no interior da sequência sedimentar. A abordagem ao sítio teve como finalidade não só caracterizar cultural, cronológica e até funcionalmente a ocupação, como estabelecer patamares de confiança do registo arqueológico a partir dos quais essa caracterização se iria fundamentar. Importa ainda referir que as intervenções efectuadas no local nunca deixaram de se revestir de um carácter de emergência.

Assim, para além das ferramentas usualmente empregues na escavação de um contexto pré-histórico<sup>2</sup> com as características arqueológicas e de conservação apresentadas por Toledo, os métodos de intervenção no terreno tiveram como principal objectivo determinar, com o máximo rigor possível, as seguintes situações:

- a) A unidade geológica onde se processou efectivamente a ocupação arqueológica materializada pelo concheiro. Tal como já tinha sido referido em momento anterior (Araújo, 1998) os restos arqueológicos encontravam-se embalados no interior de dois contextos sedimentares com características distintas quanto à textura e coloração (denominadas então de Camadas B e C; ver Capítulo 3), mas que na realidade apareciam lado a lado, sobre um mesmo plano (Araújo, 1998). De modo a compreender a natureza desta diferenciação, todos os artefactos, amostras e sedimentos foram separados e referenciados de acordo com as características do respectivo contexto sedimentar (Camada B ou Camada C), não obstante se situarem no seio do mesmo nível artificial e à mesma cota;
- b) O alcance das perturbações de natureza pós-deposicional de origem antrópica recente, sobretudo as que se relacionam com a abertura de valas profundas para a plantação de bacelos de videira, que eram escorados com todo o tipo de material: fragmentos de telha, de cerâmica moderna, vidros, plásticos etc. Esta actividade viria a afectar o depósito arqueológico em profundidade em alguns dos sectores escavados, truncando eventuais estruturas domésticas. Os materiais que se encontravam junto, ou nas proximidades, destas bolsas, foram separados, devidamente assinalados e registados, de modo a compreender o alcance destas perturbações.

Durante o processo de estudo foi ainda possível proceder a uma segunda fase de reavaliação tafonómica do sítio, a partir da análise das diferentes componentes artefactuais.

## 1.4. Investigação

---

O processo de investigação da jazida sofreu várias e sucessivas contrariedades relacionadas não só com os *timings* inicialmente estabelecidos para a conclusão dos estudos das principais categorias de vestígios recuperados no decurso dos trabalhos de campo, mas também com alterações na equipa de investigadores responsáveis pelo seu cumprimento. Se o estudo do contexto geomorfológico foi realizado dentro dos prazos previstos, tendo inclusivamente servido de base para a realização de uma tese de mestrado em Geografia Física e Ambiente (Trindade, 2001), os estudos das faunas de origem terrestre e aquática — fundamentais no ensaio de interpretação paleoantropológica e tafonómica do contexto — só ficaram definitivamente concluídos no final de 2008. Este atraso acabaria por permitir, pela força das circunstâncias, proceder a uma segunda avaliação à componente lítica e mesmo a realização de estudos de Traceologia não previstos no projecto inicial.

O fundamental das investigações recaiu sobre os dados provenientes dos trabalhos levados a cabo no âmbito do projecto referido em 1.2, ou seja, aqueles que foram produzidos no decurso dos trabalhos de campo de 1995, 1997 e 1998 nas Propriedades A, B e no Talude da Estrada. Os vestígios recuperados nas escavações realizadas pela equipa de David Lubell em 1986, e desde essa altura depositados no Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras), foram igualmente analisados mas apenas de forma muito parcelar e selectiva. Este material apresentava, com efeito, diversos tipos de problemas: se em alguns dos casos era completamente omissa a sua proveniência espacial e estratigráfica (estando contudo assinalada a respectiva atribuição a Toledo ou a Pandeiro), noutros, porém, não existiam quaisquer informações sobre o significado real da marcação individual atribuída pelo próprio Museu<sup>3</sup> aquando da integração de parte deste espólio no circuito expositivo da instituição. No livro de registos apenas se associa a cada uma destas marcações o local (“Concheiro de Toledo”) e o tipo de vestígio (“dente”, “osso”, “concha”, etc.) exposto na vitrina dedicada a esta jazida. Perante este cenário, apenas foram consideradas nas nossas investigações as peças que de alguma forma poderiam enriquecer a colecção arqueológica (restos de fauna e restos humanos), tendo a respectiva análise sido precedida por uma avaliação crítica.

O sítio de Toledo encontra-se representado por vestígios dispersos e segmentados de actividades humanas que aí tiveram lugar no Passado, sobretudo os que se relacionam com os aspectos mais básicos e elementares da condição humana, a sobrevivência: restos dos alimentos consumidos e das ferramentas utilizadas na sua aquisição. São sobretudo estas duas categorias de vestígios, indústrias líticas (Capítulos 4 e 5) e ossos de animais de origem terrestre e aquática (Capítulos 6 e 7) que sustentam o fundamental da Arqueologia de Toledo e a partir dos quais é possível esboçar um quadro de interpretação paleoantropológica do contexto (Capítulo 9). O agente que está por detrás, o Homem, também se faz representar, de forma fragmentária, dispersa e desconexa, por restos do seu próprio esqueleto (Capítulo 8).

Considerando os vários processos envolvidos na formação e alteração do registo arqueológico (de origem natural e antrópica, Capítulo 3) os restos da cultura material aqui representados foram sujeitos a um estudo tafonómico rigoroso, com recurso a métodos e parâmetros de análise próprios a cada uma das áreas disciplinares. O estudo da sequência sedimentar, dos processos e eventos envolvidos na sua constituição (Capítulo 2), foi da mesma forma determinante no ensaio de reconstituição da História do Sítio. Mas o local tem também outras histórias; as que ilustram a dinâmica ambiental passada nos seus mais diversos aspectos: geológicos, geomorfológicos, paisagísticos, entre outros. Eles serão dados a conhecer, directa ou indirectamente, através de todas as áreas disciplinares contempladas neste estudo.

Infelizmente, nem tudo foi possível fazer.

Por circunstâncias várias, não foi concluído ainda o estudo da malacofauna (que inclui análises de sazonalidade<sup>4</sup>), nem transpor para a presente monografia os relatórios das primeiras análises realizadas aos adornos sobre concha por se apresentarem todavia incompletas (Chauvière, 2000). Este conjunto de situações vem demonstrar, sem excluir naturalmente a minha própria co-responsabilidade no processo<sup>5</sup>, quão débil e fragmentário é ainda o panorama que se vive em Portugal no que diz respeito a infra-estruturas de cariz científico, técnico e humano na área da Arqueologia. Não justifica tudo, mas atenua certamente.

Assim, e enquanto responsável pelo sítio de Toledo, decidi não protelar mais a apresentação dos resultados das investigações até agora realizadas, mesmo que permaneçam em falta aspectos da Arqueologia do sítio que considero fundamentais. Espero, não sem descrédito, que num futuro tão breve quanto possível possam ser colmatados.



FIG. 1.4 - Imagens que retratam o processo de escavação de Toledo.

- 
- <sup>1</sup> Localização Geográfica: 39° 11' 18''N; 9° 18' 25'' W. Altitude: 35 m. Localização Administrativa: Distrito de Lisboa, Concelho da Lourinhã, Freguesia do Vimeiro.
- <sup>2</sup> a) Implantação das quadrículas sobre carta topográfica (com ligação à rede geodésica nacional); b) escavação dos sedimentos por unidades de 1 m<sup>2</sup>, utilizando o método da decapagem por camadas naturais e por níveis artificiais (de 5 ou 10 cm de espessura consoante se tratar de camadas estereis ou com ocupação arqueológica); c) coordenação tridimensional de todos os objectos detectados no decurso da escavação (à excepção das conchas), bem como de amostras para análise (utilizando como ponte de referência — ponto o — o marco de propriedade que serviu de *datum* nos trabalhos de 1986); d) crivagem, a água, de todos os sedimentos (referenciados ao respectivo quadrado, camada, nível e quadrante), com crivos de malha fina (3 e 5 mm), com recolha, para triagem em laboratório, de todos os refugos; e) registo em fotografia (preto e branco, slide e cor) das principais ocorrências; f) realização sistemática de plantas de base de nível com a implantação de todo o tipo de ocorrências; g) desenho de todos os perfis postos a descoberto nas Propriedades A, B e Talude da Estrada; h) abertura de uma coluna para recolha de amostras para estudos sedimentológicos e malacológicos (2 l por unidades de 5 cm); i) lavagem, tratamento, marcação e inventário diário dos espólios e amostras recolhidas durante os trabalhos de campo.
- <sup>3</sup> PAN, seguido de uma numeração sequencial que vai do número 1 ao número 38.
- <sup>4</sup> Foram seleccionadas, a este propósito, seis conjuntos de amostras de conchas de *Cerastoderma edule* provenientes das camadas B e C (níveis artificiais 16, 18 e 19) das unidades R44, R45 e S44 cujos resultados nunca foram disponibilizados.
- <sup>5</sup> Os compromissos assumidos com a escavação, estudo e publicação do sítio da Barca do Xerez de Baixo acabariam por relegar para segundo plano a investigação do sítio de Toledo.



